

Artigo

SALA DE AULA EQUITATIVA: ASPECTOS RELEVANTES AO PROFESSOR NESSE CONTEXTO

EQUITATIVE CLASSROOM: RELEVANT ASPECTS TO THE TEACHER

AULA EQUITATIVA: ASPECTOS RELEVANTES PARA LOS DOCENTES EN ESTE CONTEXTO

Erika Ferreira Floriano¹

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba - PR, Brasil

Resumo

Estratégias de ensino-aprendizagem são as técnicas das quais os professores se apropriam no intuito de propiciar o desenvolvimento do aluno, oportunizando a construção do conhecimento mútuo. Tendo como prioridade a equidade, o professor, enquanto figura mediadora do processo, precisa fornecer diferentes estratégias para que os alunos se desenvolvam e reflitam sobre suas escolhas e aprendizagens. Para tanto, o docente precisa refletir sobre seu próprio processo de ensino e procurar promover interações construtivas. Buscando quais aspectos do trabalho pedagógico são relevantes ao professor para desenvolver uma sala de aula equitativa, é objetivo deste trabalho refletir sobre os elementos que promovem a formação da sala de aula equitativa de forma que o educador disponibilize variadas estratégias para que todos os educandos tenham acesso a organização e tarefas apropriadas às suas necessidades, assim como para que os alunos vivenciem a interação e participação de todos. Para tratar de tais temas, desenvolveu-se uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa acerca de elementos teórico/práticos da gestão e organização de sala de aula, destacando o trabalho em grupo em salas de aula heterogêneas. Parte-se do pressuposto de que as estratégias variadas de ensino na prática em sala de aula são primordiais para que propiciem um maior engajamento por parte dos estudantes no que se diz respeito à aprendizagem.

Abstract

Teaching-learning strategies are the techniques that teachers use to foster student development, enabling the construction of mutual knowledge. Researching which aspects of pedagogical work are relevant for the teacher to consider in order to develop an equitable classroom, the objective of this work is to reflect on the elements that promote the formation of an equitable classroom so that the educator enables various strategies for all students to have access to an organization and tasks appropriate to their needs and that students experience the interaction and participation of all. Descriptive research with a qualitative approach was developed to address these themes. We addressed theoretical/practical classroom management and organization

¹ Doutora em Educação (PUCPR), Mestre em Direitos Humanos e Políticas Públicas (PUCPR), Especialista em Ensino da Matemática (Universidade Positivo), Especialista em Neuropsicologia Educacional (Universidade Positivo), Especialista em Psicopedagogia (Universidade Positivo), Licenciada em Ciências Sociais (PUCPR). ORCID id: orcid.org/0000-0002-4367-4473. E-mail: erika.floriano@gmail.com.

elements, highlighting group work in heterogeneous classrooms. It is assumed here that the varied teaching strategies in practice in the classroom are paramount to provide greater engagement on the part of students regarding learning.

Resumen

Las estrategias de enseñanza-aprendizaje son las técnicas que utilizan los docentes con el fin de promover el desarrollo de los estudiantes, brindando oportunidades para la construcción de conocimiento mutuo. Con la equidad como prioridad, el docente, como mediador en el proceso, necesita brindar diferentes estrategias para que los estudiantes desarrollen y reflexionen sobre sus elecciones y aprendizajes. Para ello, los docentes deben reflexionar sobre su propio proceso de enseñanza y tratar de promover interacciones constructivas. Buscando qué aspectos del trabajo pedagógico son relevantes para el docente para desarrollar un aula equitativa, el objetivo de este trabajo es reflexionar sobre los elementos que promueven la formación de un aula equitativa para que el educador proporcione diversas estrategias para que todos los estudiantes tengan acceso a la organización y tareas adecuadas a sus necesidades, así como que los estudiantes experimenten la interacción y participación de todos. Para abordar tales temas, se desarrolló una investigación descriptiva con enfoque cualitativo sobre elementos teórico-prácticos de la gestión y organización del aula, destacando el trabajo grupal en aulas heterogéneas. Se supone que las estrategias de enseñanza variadas en la práctica en el aula son esenciales para proporcionar un mayor compromiso por parte de los estudiantes con respecto al aprendizaje.

Palavras-chave: Comunidade de Aprendizagem; Equidade; Sala de Aula.

Keywords: Learning Community; Equity; Classroom.

Palabras clave: Comunidad de aprendizaje; Equidad; Aula.

Introdução

A escola é uma comunidade de aprendizagem em que deve ocorrer envolvimento e parceria entre família e escola para que se desenvolva um ambiente de cooperação, onde todos são recurso de aprendizagem e suas diferenças são valorizadas. A educação necessita assumir o seu papel mais amplo, de construir cidadãos conscientes e completos em suas habilidades e potencialidades, formando, assim, o indivíduo integralmente.

Mais especificamente, quando se fala em gerar conhecimento enquanto mudança permanente, o que é apreendido deve estar incorporado ao indivíduo não apenas para uma situação temporária. A mudança gerada pelo ensino deve ocorrer em função das necessidades individuais e coletivas, o que tende a gerar desequilíbrios na comunidade de aprendizagem.

A qualidade de ensino e de aprendizagem do aluno estão intimamente relacionadas, sendo que as estratégias de ensino-aprendizagem permeiam essa relação, fazendo-se necessário diversificá-las. Tais estratégias têm de ser planejadas, analisando tanto sua programação quanto execução, pois se deve examinar se são adequadas ao conteúdo e ponderar se correspondem ao perfil e idade da classe. Ainda em relação à sala de aula, as aprendizagens formais precisam ser organizadas, planejadas e encadeadas para serem

concretizadas, ou seja, para que o aprendiz perceba coerência e significado nelas. É nesse sentido que se dispõe este trabalho.

Como objetivo deste trabalho, tem-se a premissa de afirmar a compreensão de que para se formar uma sala de aula equitativa se faz fundamental que os professores e professoras disponibilizem variadas estratégias para que todos os educandos tenham acesso a uma organização e tarefas apropriadas às suas necessidades e que propiciem a interação e participação de todos. Ainda, cabe ao professor dominar o currículo, tendo em mente o que precisa ser feito, e ter bem definidos seus objetivos e sua forma de avaliação para que a aprendizagem seja proposta de forma assertiva.

Para Cohen e Lotan (2014), a sala de aula equitativa é formada quando todos os alunos têm acesso a um currículo desafiador e apropriado ao seu nível escolar, onde se propicia a interação e a participação de todos num ambiente no qual existe interação entre família e escola, um ambiente de cooperação onde todos são recursos de aprendizagem.

Aqui, ainda se faz um adendo a essa definição ao considerar que a heterogeneidade é característica inerente à sala de aula, porém criar um ambiente equitativo demanda que o profissional de educação explore ao máximo as possibilidades, valorizando as diferenças e oportunizando que essas sejam instrumento de aprendizagem. Convergindo, assim, para que a heterogeneidade presente em sala seja valorizada e crie possibilidades de ensino-aprendizagem.

Os alunos constroem o significado com base em suas experiências e entendimentos anteriores, além de refletir sobre suas interações com objetos e ideias. Portanto, envolver alunos em um processo de aprendizagem ativo, no qual são providos da possibilidade de interagir com manipulações e conversar com os outros, é primordial para a aprendizagem.

Ao dar sentido às novas ideias, os alunos passam a interpretar as mesmas de acordo com o presente, entendendo ou gerando um novo entendimento que explica o que eles percebem estar ocorrendo. Esta construção continuará evoluindo à medida que os alunos experimentam novas situações e ideias, têm uma oportunidade para refletir sobre seus entendimentos e estabelecer conexões sobre sua aprendizagem. É a respeito da formulação deste processo de aprendizagem ativa que discorre este texto.

O estudo aqui proposto é uma pesquisa qualitativa apoiada em pesquisa bibliográfica de caráter descritivo. Segundo Vosgerau e Romanowski (2014), trata-se de uma revisão bibliográfica uma vez que produz uma discussão sobre o material levantado a partir da construção de uma contextualização para um problema, no caso a qualidade de ensino e de aprendizagem do aluno que estão intimamente relacionadas, sendo que as estratégias de ensino-aprendizagem permeiam essa relação e se faz necessário diversificá-las.

A pesquisa bibliográfica realizada considerou livros e artigos a respeito do tema, sendo priorizados livros que instrumentalizaram a pesquisa. Optou-se por obras, no que se refere ao tema central deste artigo – a sala de aula equitativa –, como as de Cohen e Lotan (2014), e de Weinstein e Novodvorsky (2015). Tal escolha se deu por essas apresentarem conceitos práticos e relevantes acerca de como gerir, organizar, refletir e propor a sala de aula equitativa, não sendo limitadas a especificidades e questões particulares de

uma única situação ou caso. Além de serem bibliografias atuais e trazerem reflexões relevantes a seguir discutidas.

Segundo Gil (1999), as pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Castro (1976) considera que a pesquisa descritiva captura e mostra o cenário de uma situação, expressa em números e que a natureza da relação entre variáveis é feita na pesquisa explicativa.

Quando se diz que uma pesquisa é descritiva, se está querendo dizer que se limita a uma descrição pura e simples de cada uma das variáveis, isoladamente, sem que sua associação ou interação com as demais sejam examinadas (Castro, 1976, p. 66).

É consenso que para se formar uma sala de aula equitativa se faz fundamental que os professores e professoras disponibilizem variadas estratégias para que todos os educandos tenham acesso a organização e tarefas apropriadas às suas necessidades e que propiciem a interação e participação de todos.

Aqui se apresenta como problema de pesquisa quais aspectos são relevantes ao professor considerar em sua prática no intuito de desenvolver uma sala de aula equitativa. Avalia-se, assim, que estratégias devem ser planejadas analisando tanto sua programação quanto execução, pois se deve examinar se são adequadas ao conteúdo e ponderar se correspondem ao perfil e idade da classe.

A partir disso se define qual é a figura esperada de professor. A importância de planejar o currículo é um exemplo de como diversificar o ensino matemático além da importância de se ter um plano de avaliação condizente com as expectativas. Tais exemplos ilustram como se desenvolve o trabalho em grupo de forma equitativa em salas de aula heterogêneas e como estabelecer a organização da sala de aula.

A elaboração dessas questões de pesquisa exige um profundo conhecimento do problema a ser pesquisado. Como corrobora Mattar (2001, p. 23), “o pesquisador precisa saber exatamente o que pretende com a pesquisa, ou seja, quem (ou o que) deseja medir, quando e onde o fará, como o fará e por que deverá fazê-lo”.

Para o delineamento metodológico se utilizou do processo de planejamento detalhado a fim de garantir resultados confiáveis. O desenvolvimento ocorreu de acordo com o estipulado por O'Leary (2014), que descreve um processo de planejamento de oito etapas.

Sendo assim, a primeira ação foi a de selecionar os textos que seriam contemplados no artigo. Como já comentado, considerou-se Cohen e Lotan (2014), tal como Weinstein e Novodvorsky (2015), como textos guias da temática – na linguagem utilizada por O'Leary (2014), esses são considerados textos relevantes.

Após a definição dos textos relevantes, foram buscados textos cujos temas tivessem relação com a sala de aula equitativa sendo considerados aqui: a figura do professor enquanto facilitador do processo de ensino-aprendizagem

e promovedor da sala de aula equitativa; o planejamento de currículo, uma vez que tanto Cohen e Lotan (2014) quanto Weinstein e Novodvorsky (2015) preveem que essa é um importante aspecto é que deve ser dominado pelo profissional da educação para a concretização da sala de aula equitativa; o plano de avaliação a ser formulado pelo educador, uma vez que não há o delineamento de formas de ensino-aprendizagem sem que estas resultem na concretização de objetivos previamente estabelecidos; o trabalho em grupo em salas de aula heterogêneas enquanto estratégia, que possibilita a formação da sala de aula equitativa; e a organização da sala aula considerando expectativas, regras e rotinas além de procedimentos para a promoção da equidade.

Em uma segunda etapa, foi desenvolvida uma estratégia de gestão e organização dos textos estabelecendo ligações a partir dos cinco temas elencados acima. Já no terceiro momento, foram feitas anotações nos textos conforme indica O'Leary (2014), e em quarto lugar verificou-se os livros e artigos novamente a fim de relacioná-los. O quinto e o sexto passos foram conjugados na exploração dos propósitos e objetivos dos livros e artigos analisados. Em sétimo lugar, foram questionados alguns aspectos dos documentos, como a intenção de sua produção e quais os tipos de dados levantados. E, por fim, o oitavo passo foi a exploração do conteúdo contemplada nos itens a seguir.

1. Elementos da gestão e organização de sala de aula: o currículo, a avaliação, o trabalho em grupo e os indivíduos

A Pedagogia enquanto área do conhecimento trabalha de maneira multidisciplinar, buscando compreender como o ser humano aprende. Historicamente, no Brasil, a educação sempre se preocupou com as formas de como ensinar. Isso é atualmente percebido nos cursos de Pedagogia e de Licenciaturas com as horas dedicadas à didática nos seus projetos pedagógicos.

Dentre as variadas formas de ensinar um mesmo conteúdo, é preciso considerar que por meio de seus estudos que o aluno encontra seu processo de aprendizagem, e esses estudos têm as mais ricas formas de concretização. Cabe ao professor proporcionar diversas formas de ensino-aprendizagem para que o aluno consiga se conectar com aquela que mais o atende.

Segundo Araújo e Carvalho (2004, apud McLaren, 1991²), existe a cultura da sala de aula. Esta não se apresenta enquanto uma entidade pura ou homogênea, e sim como diferentes entidades que se apresentam entre condições de classe, cultura e símbolos. A sala de aula se mostra heterogênea e cabe ao professor identificar como irá transpor o currículo, sua avaliação, formas de trabalho e de organização a partir da valorização das diferenças para que o processo de ensino-aprendizagem seja possibilitado.

A aplicação de instrumentos de avaliação e o levantamento de hipóteses, assim como o mapeamento sobre formas alternativas de construir a

² MCLAREN, Peter. **Rituais na escola em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação.** Tradução de Juracy C. Marques e Ângela M. B. Biaggio. Petrópolis: Vozes, 1991.

aprendizagem possibilitam que o professor permita que o aluno compreenda sua melhor forma de aprender, dotando-o de autonomia de aprendiz.

2. A educação e o professor: a necessidade de indivíduos reflexivos sobre a prática docente

A educação é um fenômeno próprio dos seres humanos, de acordo com Saviani (2007), sendo o objeto desta a identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados para que os indivíduos se tornem humanos, assim como a descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. Para o autor, ainda, a educação não se reduz ao ensino, sendo este um aspecto da educação que participa da natureza própria do fenômeno educativo.

Segundo Libâneo (2001), educação é a formação de qualidades humanas, uma prática social que acontece numa grande variedade de instituições e atividades, sendo socialmente determinada por fins e exigências sociais, políticas e ideológicas, já o ensino são as ações e meios para realização da instrução.

Para Candau (1984), a educação é um processo que ocorre em qualquer sociedade e meio, e que ocasiona a modificação ou perpetuação de costumes e conhecimentos. Em sua perspectiva, o ensino fornece as condições para o desenvolvimento das capacidades intelectuais.

A partir dessas constatações, pode-se estabelecer que o papel da educação é o de socializar o conhecimento cultural e social para formar indivíduos, contribuindo para o processo de humanização e de formação de cidadãos conscientes e críticos. Já o papel do ensino é criar condições, ações e meios para o desenvolvimento de tais capacidades.

Os alunos validam o significado que constroem a partir de suas experiências. Ao explicar suas ideias, teorias e resultados, tanto oralmente quanto por escrito, possibilitam *feedback* construtivo por parte de colegas e professores, assim como apresentam modelos próprios de pensamento. Conseqüentemente, todos se beneficiam desse processo interativo.

O jogo e a exploração têm um papel vital na aprendizagem e na aplicação do conhecimento. Enquanto educadores, é preciso fornecer uma variedade de situações e recursos para permitir que os alunos desenvolvam tais habilidades.

Deve-se lembrar, ainda, que a educação no Brasil é, como em toda sociedade, uma construção histórica, com suas especificidades, que não podem ser compreendidas fora do processo que a envolveu. O papel da sociedade na educação nunca é neutro, nem apolítico, pois envolve interesses que extrapolam o âmbito escolar.

Por isso a necessidade de compreensão dos fundamentos da educação para que se possa pensar e agir criticamente em relação à realidade em que o sujeito atua, como agente histórico e consciente enquanto professor.

Ortenzi (2006) afirma que é fundamental ser um professor reflexivo, no sentido de refletir sobre a prática docente, de enfatizar os saberes adquiridos

com a experiência e de ter consciência a respeito da importância da formação continuada, valorizando o desenvolvimento pessoal, profissional e organizacional da escola. Ser um professor reflexivo incide diretamente na relação construída com os alunos.

Em uma sociedade múltipla em incontáveis sentidos, onde estão inseridos alunos e professores, faz-se imperativo possibilitar experiências que abranjam o convívio humano, condições que podem parecer, inicialmente, naturalmente estabelecidas. No entanto, constata-se que não são necessariamente simples de serem estabelecidas.

No tópico que se segue, analisa-se a importância do planejamento do currículo focando no papel do professor enquanto orientador e monitor. Este papel se refere às atividades cujo objetivo principal é a construção da autonomia dos educandos nos processos, com o intuito de desenvolver habilidades e promover a facilitação do processo.

3. A importância do planejamento do currículo enquanto realidade interativa: refletindo sobre o ensino e promovendo interações dos alunos

O professor precisa entender o currículo como uma realidade interativa e assumi-lo como incluindo todas as experiências educativas. Sabe-se que o processo de ensino e aprendizagem baseado na mera transmissão de informações já é criticado há muito tempo. Um exemplo é o pensador John Dewey (1944), que define o ensino tradicional como sendo antiquado e ineficaz, uma vez que as aulas expositivas partem da ideia de que os estudantes aprendem todos no mesmo ritmo e absorvem informações transmitidas pelos professores.

É imperioso refletir sobre os métodos de ensino, explorando a colaboração, a exploração e a investigação e, principalmente, enxergar no aprendiz um sujeito com papel ativo em seu próprio processo de ensino-aprendizagem. Destaca-se o currículo enquanto dispositivo indicativo e responsável pelo processo de ensino-aprendizagem e, nesta perspectiva, a busca de entendimento comum acerca do currículo requer diálogo e negociação.

Portanto, é preciso haver estudo e planejamento conjunto para que as propostas efetivadas sejam coerentes com os posicionamentos teóricos assumidos, com as diretrizes curriculares e com os processos avaliativos estabelecidos no âmbito do sistema e da escola. Considerando que existem conflitos entre as concepções, entre as políticas e práticas de currículo, sabe-se que a busca de consenso requer diálogo constante e gradativo.

As políticas curriculares são parte integrante das políticas educacionais, sendo a política curricular, para Pacheco (2008), a expressão de uma legitimidade e de um poder relacionados com tomadas de decisões sobre seleção, organização e avaliação de conteúdos de aprendizagem. Tais âmbitos são face visível da realidade escolar, e ainda contam com o papel desempenhado por cada ator educativo na construção do projeto formativo do aluno.

Cabe aqui destacar que o currículo não é um conjunto de disciplinas (as matérias), o detalhamento dos conteúdos, a relação de objetivos, a relação das atividades de ensino aprendizagem, nem a “grade curricular” a relação das

disciplinas e sua sequência. É preciso entender o currículo como uma realidade interativa, e assumi-lo como incluindo todas as experiências educativas sob responsabilidade da escola. Assume-se, então, que o currículo é uma construção realizada na interação entre professores e alunos, e em geral na criação ativa de todos aqueles que indireta ou diretamente participam da vida da escola.

O currículo escolar é condicionado e condiciona concepções práticas educativas, sendo que a dinâmica curricular advém de três instâncias que interagem num jogo de forças. Entre as dimensões curriculares estão a dimensão teórica, na qual se encontra a linha de ensino e aprendizagem que o docente e sua instituição se identificam; a dimensão política, a qual envolve o sistema de ensino; e a dimensão ativa, que se refere aos professores, aos alunos e à comunidade escolar.

Para além do currículo, primordial enfatizar aqui o planejamento para a compreensão, que visa o desenvolvimento das habilidades e dos variados níveis de cognição partindo dos objetivos de aprendizagem. Ressalta-se que o planejamento deve ser voltado à compreensão e ao desenvolvimento de habilidades nos mais variados níveis de cognição. Para Wiggins e McTighe (2005), compreender é ser capaz de usar, de forma sensata, o que sabemos, em situações contextualizadas; é aplicar conhecimentos e habilidades de forma eficaz, em tarefas e cenários realísticos; é o entendimento fluente e fluido.

Uma forma de planejamento do currículo de modo que essa seja uma realidade interativa na qual as experiências construídas com os alunos são as conversas numéricas.

Boaler (2016) comenta sobre a plasticidade cerebral e a potencialidade do cérebro crescer e se modificar com a mensagem e o ensino apropriados; dessa forma, todos poderiam ser bem-sucedidos e ter altos níveis de aprendizagem. Para tanto, os alunos necessitam de ambientes que os estimulem e que tragam mensagens de que são capazes, desmistificando a ideia de que existiria um “dom matemático”, pensamento tão propagado dentro e fora da escola.

Dado isso, chega-se à concepção de Van de Walle (2009), de que a peça fundamental na matemática é a ideia de que a matemática faz sentido. No intuito de reforçar essa compreensão, cabe ao professor deixar de ensinar pela exposição pura e simples passar a atribuir significado às produções e pensamentos matemáticos, criando um ambiente de entendimento e construção coletiva da matemática.

O erro também é ponto importante nesse processo, considerando que, ao ser destacado, aumenta a atividade cerebral. Aqui a ideia não é expor o aluno, e sim levá-lo a reflexão e compreensão do erro em seu processo, não apenas como um resultado. Estabelecida essa dinâmica, os alunos passam a arriscar, explicar e tentar aceitar os erros visando a aprendizagem no grupo, uma vez que uns aprendem com os outros.

O exemplo de modelo a ser aplicado nesse cenário é a conversa numérica, que possibilita o compartilhamento de ideias e mobiliza discussões, além de promover a autoconfiança. As conversas numéricas são um processo desenvolvido pelas educadoras Humpreys e Parker (2015), através do qual desafia-se os estudantes a realizar cálculos apenas mentalmente. Ao obter respostas, a turma as expõe, e cabe à professora transcrevê-las no quadro e elucidar o raciocínio tido pelo aluno para a classe.

Essa dinâmica possibilita que, numérica e visualmente, o maior número de possibilidades de pensamento seja descrito, ilustrando diferentes caminhos que podem ser percorridos pelos alunos para que cheguem a um mesmo resultado. Com o tempo, após a adaptação, os estudantes demonstram perder o medo de errar e de se expor perante a turma, despertando, assim, maior engajamento. Os alunos se posicionam, explicam suas ideias e encontram na matemática a possibilidade de discussão e construção constante.

Ressalta-se aqui a importância de o profissional estar bem-preparado para a condução da conversa numérica, uma vez que a intencionalidade desta está na promoção da discussão, e não necessariamente em encontrar a resposta correta de forma rápida e mecânica. Pensando na boa preparação do profissional para que seja reflexivo a respeito de sua atuação, dá-se continuidade a esse debate com o tema da avaliação.

4. Planejamento do sistema avaliativo na gestão de sala de aula: avaliação da, para e como aprendizagem

A figura do professor enquanto avaliador deveria ter uma construção diária, em que o professor analisa não só as avaliações que propõe, mas constantemente revê seu papel como avaliador e seus critérios em vistas de superar a avaliação apenas somativa, orientando os alunos em sua ação educativa. Uma vez que a avaliação é a presunção de competências, pode-se pensar em certificar habilidades de diferentes maneiras, e se torna essencial analisar o processo de ensino-aprendizagem de forma global. Cabe ao professor ser facilitador do conhecimento, buscando a melhor maneira possível de alcance da equidade.

A partir do momento em que o aluno percebe essa construção da avaliação, na qual a nota é composta por um sistema de devolutivas e reflexões acerca do processo, passa a compreender que seu aprendizado envolve a responsabilidade compartilhada de professores e alunos.

A avaliação é um processo contínuo e sistemático, tendo em vista conteúdos, conceitos, procedimentos e atitudes. Enquanto componente fundamental do processo de ensino-aprendizagem, a avaliação educacional possibilita obter informações acerca da aprendizagem, formula-se juízos de valor através da análise das informações obtidas e toma-se decisões relevantes.

Castillo Arredondo e Cabrerizo Diago (2009) entendem a avaliação como necessariamente relacionada ao processo educacional, sendo um instrumento de ação pedagógica que permite tanto adaptar a atuação docente às características individuais dos alunos ao longo do processo de aprendizagem quanto determinar se atingiram as finalidades e as metas educacionais.

É preciso ter em mente que os objetivos de aprendizagem e a avaliação são inseparáveis, devendo, portanto, relacionar-se durante todo o processo avaliativo. Os objetivos refletem a intencionalidade do professor e a avaliação informa sobre o desenvolvimento e consecução dos objetivos, essencial ao planejamento de aulas futuras, possibilitando saber como os alunos estão aprendendo.

A avaliação eficaz possui critérios de validade e confiabilidade a partir da definição de propósitos, planejamento prévio e definição da técnica avaliativa e do instrumento avaliativo.

Porém, como aplicar esses critérios de forma coesa e eficaz? Uma sugestão para a elaboração da sala de aula equitativa, seguindo os critérios apresentados de conhecimento do currículo e da avaliação que leva em conta as especificidades do aluno, é a promoção do trabalho em grupo considerando que as salas de aula são heterogêneas.

5. O trabalho em grupo em salas de aulas heterogêneas: condições e atitudes

O presente tópico – trabalho em grupo em salas de aulas heterogêneas – trata das condições necessárias para que o trabalho em grupo aconteça, tais como: como fazer a gestão da sala de aula; como organizar os alunos em grupos; como atribuir papéis entre os alunos para que o professor possa fazer as intervenções necessárias visando interações mais equitativas e a mitigação de questões de status (etnia, classe social, habilidade de leitura, desempenho educacional, entre outras).

A mitigação das questões de status se refere àquelas situações em que a classe ou um grupo de alunos faz pré-julgamentos a respeito de um aluno. Como, por exemplo, quando se considera que determinado aluno seja mais inteligente do que outros.

Cabe ao professor interferir em tal cenário, evidenciando que todos têm pontos fortes em diferentes situações, não promovendo o destaque de um único aluno em todos os âmbitos. Ou então quando um aluno é estigmatizado por seu desempenho escolar por seus colegas, cabe também ao professor mitigar essa questão de status promovendo ações em que esse aluno se destaque ou que fiquem evidenciadas suas qualidades.

O principal ponto a ser considerado nesses casos é que todos possuem qualidades a serem destacadas e conhecidas, sendo que o processo de ensino-aprendizagem ocorre por meio das trocas entre os pares e dos alunos para com os professores.

O trabalho em grupo – alunos trabalhando juntos em pequenos grupos de modo que todos participem –, quando planejado adequadamente, torna-se uma ferramenta poderosa. Cohen e Lotan (2014) interpretam como delegação de autoridade quando o docente propõe aos alunos uma atividade em grupo e permite que eles se esforcem sozinhos e cometam erros. Ou seja, através desse trabalho, possibilita que os alunos sejam responsáveis por partes específicas de seu trabalho e responsabilizados pela entrega do produto final.

Fornecer cartões de atividade (descrição do que deverá ser feito) e de recurso (material de apoio com informações pertinentes) aos alunos é uma forma de delegar essa autoridade. A interação entre os alunos também é crucial, já que precisam uns dos outros para completar a atividade. Esta deverá ser complexa, ter diferentes soluções possíveis e contar com a criatividade.

Trabalhando em grupos, os alunos desenvolvem e aprimoram diversas habilidades e se sentem pertencentes ao movimento existente em sala de aula, já que contribuirão de alguma forma para o resultado ao final do processo.

Visando bons resultados, o docente deve preparar os alunos para a cooperação, introduzindo novos comportamentos cooperativos e construindo novas regras de como deve ser a atuação produtiva dos alunos em situações de grupo. Aos alunos também cabe entender os objetivos de realizarem uma atividade em grupo e quais as habilidades serão importantes ao longo do trabalho.

Ensiná-los a perguntar uns para os outros é tarefa árdua, mas fundamental para que todos realmente trabalhem em grupo. A maneira de fazer perguntas é uma tarefa custosa ao professor, uma vez que é necessário intervir com os alunos no intuito desses perceberem que suas perguntas precisam ser assertivas e compreendidas pelos colegas, assim como serem úteis ao grupo no sentido de promoção à chegada ao produto final.

Nesse contexto, o professor deve circular entre os pequenos grupos, percebendo atentamente como os alunos fazem seus questionamentos, com a intenção de promover a reflexão dos questionamentos deles de uma forma que haja construção autônoma nesse processo. Os educandos precisam perguntar para descobrir as ideias dos outros e serem respeitosos na discussão.

Cohen e Lotan (2014) enfatizam a importância da elaboração de atividades de aprendizagem adequadas ao trabalho em grupo. As autoras defendem que tais atividades sejam abertas, produtivamente incertas e exijam a resolução de problemas complexos; ainda, que forneçam oportunidade para que os alunos utilizem múltiplas habilidades intelectuais para compreender a tarefa e para demonstrar competência intelectual; abordem conteúdo intelectual importante; exijam interdependência positiva e responsabilidade individual e incluam critérios claros para a avaliação do produto do grupo e do relatório individual, verificando através de evidências se, de fato, ocorreu a aprendizagem.

O trabalho em grupo torna-se uma ferramenta de excelência quando aplicada corretamente. Isso se dá com o estabelecimento claro de regras, rotinas, procedimentos e clareza, evidenciada pelo professor, acerca de onde se espera que os alunos cheguem com aquela atividade proposta.

Assim, é possibilitado aos alunos que se esforcem sozinhos e exponham-se ao erro. Também ocorre a delegação de autoridade e a responsabilização pelos resultados finais de cada ciclo de aprendizagem. Para viabilizar tais resultados, são fornecidos cartões de atividade com a descrição clara e objetiva do que será realizado, e cartões de recurso com os materiais de apoio e informações pertinentes.

Assim como os materiais e instruções, é fundamental que ocorra a participação dos alunos e a compreensão de que são recursos uns dos outros a partir de sua interação com respeito e escuta ativa.

Nesse cenário, os alunos desenvolvem e aprimoram diversas habilidades, e cabe ao docente introduzir comportamentos cooperativos na promoção de uma sociedade de aprendizagem, tal como deixar evidente os objetivos da atividade desenvolvida, além de ensinar os alunos a perguntar e a formular suas ideias e conceitos de forma a se fazerem entender.

Essas atividades também precisam ser adequadas ao trabalho em grupo, abertas, produtivamente incertas e exigirem a resolução de problemas

complexos a fim de que os alunos façam uso de suas múltiplas habilidades intelectuais e sociais.

Assim como o evidenciado por Cohen e Lotan (2014), o papel do professor no trabalho em grupo é o de orientar e monitorar as atividades para que os alunos construam sua autonomia nos processos. É de extrema importância delegar os papéis e estabelecer normas, pois com base nessas questões os estudantes irão estabelecer suas relações no grupo e monitorar-se, tanto individualmente quanto uns aos outros.

Também se reitera a importância da observação de evidências para possibilitar a produção de inferências a respeito das atividades, conteúdos e interações. A observação de evidências se dá com o professor circulando entre os grupos enquanto a atividade ocorre, fazendo anotações, para que ao final do processo promova reflexões sobre atitudes, conteúdos e formas de pensar a partir das interações dos próprios alunos previamente observadas.

O professor deve dar prioridade para que as inferências sejam feitas ao final do processo, com o intuito de que os alunos resolvam suas pendências e erros com autonomia. Caso seja necessária a interferência do professor, essa deve ser feita com a intenção de que o aluno reflita com seu grupo a respeito da orientação do professor, sem que esse chegue e expresse que a forma de pensamento está errada ou que a solução de um conflito encontrada pelo grupo não é a mais apropriada.

Nesse processo, é sempre relevante considerar as formas de pensar de todos os alunos. Um exemplo de como isso pode ser feito são as aulas de matemática. Ao formular uma operação, por exemplo, a multiplicação dos números 4 e 8 cujo resultado é 32, os alunos podem resolver essa operação agrupando 4 grupos com 8 elementos cada ou agrupando 8 grupos com 4 elementos cada. É relevante que o professor considere as diferentes formas das quais os alunos se apropriaram para chegar ao resultado, assim como observar os erros do processo e explicar o porquê de a operação ter esse resultado.

O trabalho em grupo é efetivado quando os alunos trabalham juntos, em pequenos grupos de até 4 pessoas, de modo que todos possam participar de uma atividade com tarefas claramente atribuídas. Espera-se que os alunos desenvolvam suas tarefas sem supervisão direta e imediata do professor, uma vez que para os alunos é delegada autonomia e deixa-se claro que uns precisam dos outros.

Também é característica-chave do trabalho em grupo a clareza acerca da natureza da tarefa (problemas), assim como que sejam complexas ou dilemas com possibilidade de várias estratégias e soluções possíveis que exijam criatividade. O trabalho em grupo não é um agrupamento por habilidades, ou seja, não devem ser selecionados os alunos considerados bons em determinada tarefa e agrupá-los somente por essa característica.

O trabalho em grupo deve ser vivenciado em situações concretas onde seja possibilitado ao aluno demonstrar e aprimorar suas habilidades. Dessa forma, o papel do professor no trabalho em grupo é orientar e monitorar, porém dando autonomia aos alunos e proporcionando a organização adequada do ambiente.

6. A organização da sala de aula: expectativas, regras e rotinas e procedimentos

Neste momento, volta-se para a organização da sala para o trabalho em grupo, espaço onde os alunos trabalham em pequenos conjuntos, de modo que todos possam participar de uma atividade com tarefas claramente atribuídas. Para Weinstein e Novodvorsky (2015), ambientes físicos influenciam a maneira como os professores e alunos se sentem, pensam e se comportam.

A disposição espacial da turma em que se trabalha pode ser classificada em grandes e pequenos grupos, de acordo com os objetivos propostos para a atividade, fazendo com que ocorra a interação do professor com os alunos e entre os próprios alunos, tornando a sala funcional proporcionado ao aluno ser protagonista.

Os tipos de arranjos utilizados são os mais diversos dentro de sala de aula, aqui cita-se alguns desses, suas possibilidades de uso e limitações.

Tabela 1. Tipos de arranjos em trabalhos de grupo.

Tipo de arranjo	Possibilidade de uso	Limitações
Duplas	Exercer tarefas que exigem mais concentração, mas com o apoio e parceria de outro colega.	O professor acaba direcionando a atenção para os alunos que se sentam à frente.
Dois grandes grupos	Exercer tarefas respeitando a individualidade no grupo.	Maior possibilidade de dispersão quando as tarefas exigem um nível de concentração maior
Grande grupo	Atenção voltada totalmente para o professor	Quando necessita de discussão sobre um determinado tema.
Quartetos	Momento de discussão e produção coletiva.	Trabalho Individual.
Trabalho em estações	Atividades com tempo determinado, com consignas e produção coletiva.	Trabalho Individual.

Fonte: Tabela elaborada pela autora, 2020.

Para trabalhos em grupos, sejam eles grandes ou pequenos, o arranjo da sala deve ser bem planejado para que o aprendizado cooperativo possa ser efetivado, sendo fundamental proporcionar aos alunos um ambiente de promoção de trocas. Portanto, é fundamental proporcionar aos alunos um ambiente que promova a troca de experiência, pesquisa e interação.

O ambiente físico e o arranjo da sala de aula, assim como as características das atividades propostas, afetam os padrões de interação. Os arranjos podem possibilitar aproximação entre as pessoas, a movimentação do professor; facilitar a concentração para a realização de tarefas individuais ou em grupos; propiciar interação, momentos de discussão ou de produção coletiva; entre outras dinâmicas.

Na sala de aula, é ideal que sempre sejam dispostos diversos arranjos durante a semana, ou que estes variem dentro de períodos pré-estabelecidos. Para que as produções dos alunos sejam valorizadas, uma sugestão é colocar os trabalhos realizados nos murais e paredes da sala, criando um ambiente agradável, acolhedor e personalizado com as características da turma.

Também existem outros espaços que favorecem um ambiente de construção, como a mesa de recursos, onde os materiais ficam à disposição para o uso; a biblioteca, onde os livros, gibis e passatempos ficam à disposição dos alunos; jogos pedagógicos e materiais concretos, como o Material Dourado, fichas coloridas para criar gráficos, coleção, estimativas de quantidades. Para Weinstein e Novodvorsky (2015), planejar ambientes de aprendizagem que sejam seguros e produtivos permite que os alunos participem de tomada de decisões sobre o ambiente, assim como motiva-os a ser cidadãos ativos e envolvidos, amenizando os problemas e os conflitos.

De acordo com Weinstein e Novodvorsky (2015), a gestão eficiente da sala de aula envolve a importância de construir normas, regras, rotinas, limites e tem por consequência minimizar os conflitos, impedir a perda de tempo e a criação de estratégias para que os alunos se concentrem nas tarefas de ensino e aprendizagem.

Dentro da vivência de sala de aula, as regras e rotinas devem ser construídas juntamente com os alunos no início do ano letivo e ser explicitadas com bastante clareza, preferencialmente sendo impressas e exibidas em lugares visíveis e de fácil acesso para todos. Quando alguma dessas regras deixar de ser cumprida, existe a necessidade de o profissional da educação retomá-la para que o comportamento inadequado não ocorra novamente, fazendo com que o aluno reflita a respeito de suas atitudes e construindo novos padrões de sociabilidade.

A respeito da interação família e escola, é imprescindível que os responsáveis tomem conhecimento das regras e rotinas da sala de aula, por meio de reuniões e comunicados via agenda, para que exista uma parceria entre ambos.

A rotina é o primeiro momento da aula, para que se tenha um bom funcionamento da sala com regras e rotinas bem claras, evitando assim momento de dispersão e conflitos.

Uma maneira interessante de desenvolver o trabalho em sala de aula é a definição dos papéis de cada um em sala: o monitor de recursos, facilitador, harmonizador, controlador do tempo e o repórter, sendo que um dos alunos pode acumular funções.

O professor, definindo os papéis nos grupos formados por 4 alunos da sala, que irão desempenhar o seu trabalho durante o dia, promove a organização da classe e delega tarefas. Com essa estratégia, é possível obter um equilíbrio maior nas organizações de início e término das atividades, o encorajamento e participação de todos. Alunos com papéis a serem desempenhados se sentem responsáveis pelo grupo, auxiliando, motivando e retomando os combinados com os colegas da sala de aula.

Assim, o estabelecimento de normas e procedimentos é facilitado. Sobre as normas e procedimentos para a participação e debates, é recomendável que as crianças respeitem o momento em que outra pessoa está falando.

Quando o momento é direcionado pelos professores, é interessante combinar códigos para o funcionamento com eficácia, tal como em situações como entrada e saída de sala de aula. Nessas ocorrências, é preciso ponderar a maturidade dos alunos em cumprir e estabelecer tais parâmetros e combinados.

Expectativas, regras e rotinas, assim como todos os outros elementos que compõem a organização de sala de aula, estão pautados em um currículo.

7. Concebendo a sala de aula equitativa

A Declaração Mundial Educação para Todos de 1990 prevê a universalização do acesso à educação e a promoção da equidade no sentido de que todos tenham acesso à educação, tendo suas necessidades atendidas. Nesse âmbito, Gadotti (2003) concebe que a equidade é a atenção para com as diferenças. Aqui, parte-se dessas concepções, entendendo que a educação com equidade deve ser garantida.

Já Araújo e Carvalho (2004) abordam a chamada “Pedagogia da Equidade”, definindo que os docentes devem conhecer e promover uma variedade de práticas de ensino para que sejam contemplados conhecimentos de diferentes grupos étnicos e culturais, de modo que seja facilitada a aprendizagem dos alunos. Com isso, os alunos se identificam com o currículo e passam a desenvolver suas habilidades com maior engajamento.

De acordo com Zanella (2003), é através da aprendizagem que o homem transforma o meio, podendo essa ser uma mudança permanente quando o indivíduo a incorpora. Assim, aluno e professor têm papéis importantes nessa construção, cabendo ao professor encontrar caminhos que possibilitem seus alunos explorarem, em si mesmos, territórios ainda não descobertos.

A partir do que é colocado por Zanella (2003), tem-se que a aprendizagem é a modificação sistemática do comportamento onde, em seu processo, os sujeitos vão se modificando e se ajustando às novas situações e desafios. Para que isso aconteça, é preciso que o que foi aprendido seja significativo, para que permaneça.

No intuito de promover a aprendizagem conforme anunciado por Zanella (2003) e baseado nos itens acima discutidos, reitera-se a seguir os passos para a promoção da sala de aula equitativa.

A figura do professor é construída por um profissional reflexivo, orientador e monitor das atividades. Seu objetivo principal é a construção da autonomia dos educandos nos processos, no intuito de desenvolver habilidades e promover a facilitação do processo.

O planejamento adequado do currículo deve ocorrer, sendo que o currículo deve ser uma realidade interativa onde são consideradas as mais diversas instâncias que envolvem e formam o processo de ensino-aprendizagem, como a comunidade, a família, a escola, entre outros. Cabe ao professor proporcionar diferentes formas de interação do aluno com o currículo a fim de gerar novas possibilidades de aprendizagem e reflexões sobre a mesma.

Em relação ao plano de avaliação, é preciso tanto analisar constantemente a figura do professor enquanto avaliador quanto repensar com certa constância as formas de avaliação e os se os objetivos dessas estão coerentes com as estratégias de ensino.

No que se refere à sugestão de forma de trabalharem grupo considerando salas de aula heterogêneas, o docente deve propiciar atividades e tarefas onde os alunos tenham autonomia para resolver tanto questões de conteúdo quanto questões atitudinais. O ideal é que o docente interfira o

menos possível e possibilite que o educando construa seu próprio caminho de aprendizagem, tendo na figura do professor um mediador.

Por fim, em termos da organização da sala de aula, é necessário organizar a sala de forma a considerar as expectativas dos alunos, formulando, juntamente com os educandos, procedimentos, regras e rotinas para que seja proporcionado um ambiente de promoção de troca de experiências, pesquisa e interação. Para que os princípios da equidade estejam presentes no processo de ensino-aprendizagem, diferentes instrumentos devem ser privilegiados para que todos possam, por meio de suas habilidades, atingir os objetivos previstos no currículo e nas formas avaliativas.

8. Considerações finais

A aprendizagem não só se dá pela relação com o próprio conteúdo, mas também com o meio e com as pessoas que fazem parte desse processo. Esses fatores não apenas contribuem, como podem influenciar significativamente na disposição desse sujeito para adquirir o conhecimento.

Sendo assim, quando se pensa em escola, não se pensa apenas qual a grade curricular essencial para este nível de ensino, mas também quais profissionais e como esses serão responsáveis por mediar e apresentar caminhos aos alunos, como serão suas posturas, metodologias, além de se questionar a respeito de quais espaços esses alunos frequentarão e de que maneira. Assim, envolver-se com a aprendizagem se torna muito mais complexo do que podemos imaginar. A educação envolve uma história pessoal e social.

A escola é, portanto, parte integrante da comunidade de aprendizagem e, juntamente com envolvimento e parceria familiar, é possível desenvolver um ambiente eficaz de troca de conhecimento. Desta forma, a educação deve assumir o seu papel mais amplo, que é o de formar o indivíduo integralmente.

Ciente das modificações do modelo educacional, torna-se necessário que o professor se especialize, para que seja capaz de acompanhar as mudanças que rapidamente se dão na comunidade, como a mudança de aprendizagem, mudança do perfil do aprendiz e de suas demandas.

Assim, estratégias variadas de ensino e de práticas em sala de aula são primordiais. Elas, com certeza, propiciam um maior engajamento por parte dos alunos e melhores resultados no que diz respeito à aprendizagem. Em especial, a gestão do tempo acaba por ser um recurso para maximizar as oportunidades de aprendizagens, minimizando as perturbações. A gestão do tempo auxilia no desenvolvimento da participação ativa e no engajamento dos alunos, para que se tornem os atores principais durante a aula.

Com a discussão sobre o que é uma gestão eficaz, fica evidente que, com a descentralização da responsabilidade do ensino e aprendizagem, os alunos sentem-se mais pertencentes ao processo, assim como suas famílias. Faz-se essencial a organização e o gerenciamento da turma na obtenção da equidade e, para isso, é imperioso definir e compartilhar com os alunos os objetivos e expectativas. Ainda, é primordial ouvi-los sobre esses aspectos para que o progresso na aprendizagem aconteça.

No que se refere a engajar e apoiar os alunos em sua aprendizagem, destacou-se a necessidade de se considerar os conhecimentos prévios dos

alunos, suas experiências de vida e seus interesses pessoais na formulação de planejamentos, assim como pensar em atividades que permitam aos alunos a demonstração de distintas habilidades, tal como permitam a interação entre eles.

É por meio da organização do ambiente físico, da comunicação das normas, dos procedimentos, das rotinas da sala e da identificação das estratégias que o modo através do qual o processo de ensino e aprendizagem é estabelecido. Assim como, através dos mesmos fatores, há o desenvolvimento dos alunos, por meio de parâmetros e referências de comportamentos. É possível, desta forma, aprofundar um dos papéis da escola, o de ensinar para que o indivíduo participe e contribua com a sociedade na qual está inserido.

Sobre o currículo, este deve ser plenamente conhecido pelo professor para que, ao dominá-lo, seja capaz de promover aulas com conteúdo, atrativas e com significado para os alunos, gerando aprendizagem efetiva. Quando um professor delinea experiências de aprendizagem, precisa deixar claro para os alunos aonde quer chegar com tal experiência, projetando o percurso, prevendo possíveis impasses e suas soluções. Anteriormente, deve antecipar quais serão seus objetivos e critérios de avaliação, já que o ensino se torna obscuro sem que se saiba o produto do planejamento.

Referências

ARAÚJO, Maria Esther; CARVALHO, Vilson Sergio de. O lugar da reflexão na escola e a escola como lugar de reflexão. In: CARVALHO, Vilson Sergio de. (Org.) **Pedagogia Levada a Sério**. São Paulo: Wak Editora, 2004, 140p.

BOALER, Jo. **Mathematical Mindsets: Unleashing Students' Potential through Creative Math**. San Francisco: Jossey-Bass, 2016, 320p.

CANDAU, Vera Maria. **A didática em questão**. Petrópolis: Vozes, 1984, 128p.

CASTILLO ARREDONDO, Santiago; CABRERIZO DIAGO, Jesús. **Avaliação educacional e promoção escolar**. Trad. Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Unesp, 2009, 584p.

CASTRO, Claudio de Moura. **Estrutura e apresentação de publicações científicas**. São Paulo: McGraw-Hill, 1976, 70p.

COHEN, Elizabeth; LOTAN, Rachel. **Designing groupwork: Strategies for the heterogeneous classroom**. 3rd Edition. New York: Teachers College Press, 2014, 238p.

DEWEY, John. **Democracy and Education**. New York: The Free Press, 1944, 434p.

GADOTTI, Moacir. Globalização e educação: ideias para um debate. In: Fórum Social Mundial Temático: democracia, derechos, guerras y narcotráfico. **Anais**. Cartagena de Indias, n. 3, 2003. Disponível em: <ledum.ufc.br/arquivos/didatica/1/Globalizacao_Educacao.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999, 216p.

HUMPREYS, Cathy; PARKER, Ruth. **Making Number Talks Matter**: Developing Mathematical Practices and Deepening Understanding, Grades 3-10. Portsmouth: Stenhouse Publishers, 2015, 212p.

LIBÂNEO, Jose Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2001, 288p.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de Marketing**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2001, 275p.

O'LEARY, Zina. **The essential guide to doing research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2014, 415p.

ORTENZI, Alexandre. **A Relação Professor-Aluno**: contribuições para o ensino da Matemática. 2006. 108f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2006.

PACHECO, José Augusto. **Políticas Curriculares**: referências para análise. Porto Alegre: Artmed, 2008, 153p.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico Crítica**: primeiras aproximações. São Paulo: Cortez, 2007, 160p.

VAN DE WALLE, John. **Matemática no Ensino Fundamental**: formação de professores e aplicações em sala de aula. Porto Alegre: Artmed, 2009, 584p.

VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos; ROMANOWSKI, Joana Paulin. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, 2014.

WEINSTEIN, Carol Simon; NOVODVORSKY, Ingrid. **Gestão da sala de aula**: lições da pesquisa e da prática para trabalhar com adolescentes. Trad. Luiz Fernando Marques Dorvillé. 4. ed. Porto Alegre: AMGH, 2015, 392p.

WIGGINS, Grant; McTIGHE, Jay. **Understanding by Design**. 2. ed. Alexandria: Association for Supervision and Curriculum Development, 2005, 370p.

ZANELLA, Liane. Aprendizagem: uma introdução. In: LA ROSA, Jorge (Org.). **Psicologia e educação**: o significado do aprender. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, 232p.

Enviado em: 20/10/2020

| Aprovado em:06/06/2022